





ortu, nidade que favorece o conseqüimento das reclamações dos ferroviários. A falta de um chefe de seção eleito, aproveitada para a greve e defesa da liberdade dos presos por questões sociais.

Lucio Monteiro ataca, vibrantemente, o chefe da polícia do Barreiro que arbitrariamente perseguiu ferroviários.

Falando Joaquim Correia de Barros, João da Cruz Cebeira e Rosa Júnior que reivindicam a realização das reclamações da classe.

Miguel Correia fala da junta revolucionária e alude à reação que vai assestando-se no país.

Terminou a sessão em que eram mantidos os ferroviários do Sul e Sueste.

A seguir contou que os ferroviários despedidos da greve de setembro já estavam readmitidos e que os combóios começariam por esse facto a circular.

A reunião terminou no meio de grande entusiasmo, tendo-se soltado vivas à C. G. T. e à Batalha.

A Federação Corticeira Nacional, na sua reunião ontem efectuada, resolveu saldar todos os camaradas ferroviários por ver no seu seio tam prestimosos elementos que tem sido vítimas do ódio feroz e reaccionário dos dirigentes do Sul e Sueste e Minho e Douro.

A direcção da Associação de Classe do Pessoal da Imprensa Nacional expediu um telegrama para a classe ferroviária do Sul e Sueste, exprimindo o seu regozijo pela readmissão que acaba de dar-se dos camaradas demittidos no occaso da greve de setembro de 1920, fazendo votos pela satisfação das restantes reclamações da mesma classe.

## O sr. Tamagnini não está preso

O correspondente do *Século* em Oeiras informa que a prisão do major sr. Tamagnini Barbosa, não se deu como notificavam os jornais. O facto passou-se da seguinte forma: às 8 horas de anteontem, chegaram ao apeadeiro de Santo Amaro três guardas e um marinheiro, que se dirigiram a casa do major, a quem deram ordem de prisão. Em seguida conduziram-no à estação de Oeiras, onde—segundo se diz—tencionavam matá-lo, ao que o chefe da estação, energicamente se opôs, dizendo que primeiro o haviam de matar a ele, e que se ia pedir para o quartel da Medrosa uma força, para os desarmar e prender.

Desistindo os guardas do seu intento, embarcaram com o preso no primeiro combóio; mas, segundo ordens do administrador de Oeiras, foram detidos, com o preso, no apeadeiro de Santo Amaro.

Como mais ordens se não recebessem, o preso seguiu o destino que lhe aprouve, e os guardas foram tratar da sua vida.

Porém, quando, à tarde, seguíam para Lisboa, foram desarmados em Algés pela guarda republicana.

## O pensamento operário no actual momento

O secretário geral da C. G. T. concedeu ontem uma entrevista ao *Diário da Manhã* que julgamos interessante transcrever:

A C. G. T., organismo central do operariado, fundado há dois annos num congresso realizado em Coimbra, adoptou, perante o movimento revolucionário, uma attitude de expectativa que não exclua a defesa, perante o governo, da insurreição saída, daquelas aspirações que constituem o seu programa mínimo. Há operários presos—e a sua liberdade é considerada pela C. G. T., imprescindível para a completa pacificação da sociedade portuguesa. Há tribunais e leis de excepção—e a sua derrogação, no critério dos nossos sindicalistas, é que pode imprimir ao regime aquelle cubo democrático, que tem existido mas, dizem, com arvação leve.

Saber o que se passa entre o profeta e o real, que nestes dias tem sido de uma serenidade admirável, levou o repórter, até ao edificio da Calçada do Combro, onde funciona a parte mais importante dos organismos sindicais da capital. Ali, naquella casarola em que tantos dias de revolta se tem vivido, celebrizado até numa tarde de sangue que apavorou Lisboa inteira, há tranquillidade. Cartazes, manifestos, A os cantos, operários que, calmamente, comentam a marcha dos acontecimentos. Uma ou outra palavra solta deixa transparecer um grande desejo de repouso, de tranquilização geral.

A C. G. T., em face da revolução triunfante, vai, uma vez mais, em documento publico, reafirmar as suas intenções. E' sempre conveniente.

Aguardamos a realização das promessas do governo no seu triplice ponto de vista economico, moral e politico. Essa attitude de expectativa, não quer dizer immobilização. Pelo contrario, vamos procurar, embora dentro das modalidades burguesas, a efectivação de algumas das aspirações que consta do nosso programa minimo.

O «comité» confederal ainda não deliberou. Vou-lhe falar pessoalmente, como Manuel Joaquim de Sousa e não como secretario geral da C. G. T. Assim, reclamaremos a execução integral, em todo o país, da lei das 8 horas de trabalho; a reorganização da instrução—e isto consta do programa revolucionario—em moldes nacionalistas e que melhor que as leis de Pombal e Aguiar nos pode conduzir à solução da questão religiosa; o aproveitamento dos baldios pelos sindicatos rurais, auxilliados e fiscalizados pelo Estado; a restrição do plantio da vinha; a fiscalização rigorosa do trabalho das mulheres e crianças nas fábricas. Muita coisa.

—E reivindicamos de caracter moral? —Queremos a absoluta liberdade de

Imprensa, a revogação inofensiva de todas as leis e tribunais de excepção, a abolição da lei de 1903 que limita a liberdade de reunião e associação.

—E os assaltos? Há boatos...

Os assaltos sendo um acto de revindicta popular não atenuam a carestia da vida

—A C. G. T. não preconiza os assaltos. Eles, longe de atenuarem a carestia da vida, ainda a agravam mais. Constituem, na verdade, um acto de revindicta popular que não se pode censurar, mas que também não é aconselhavel.

—Os presos. Sempre veem para a rua?

—Não prescindimos da sua libertação. Ainda há vinte trabalhadores presos, que o governo deve restituir à vida.

—Para esse effeito, vocês vão...

—Vamos effectuar hoje reuniões em todas as federações de classe, dos seus corpos directivos. No entanto, há uma pressão da parte do operariado, que pode ir até um movimento cujas consequências não podemos prever. Junto do governo, a comissão pró-presos vai ter em pouco tempo a sua situação. Ele terá, certamente, a prudência necessária para atender os nossos desejos.

A C. G. T.—concluiu o nosso entrevistado—reconhece, neste momento, a necessidade de certa normalidade, numa qual não será possível entrarmos, sem uma politica progressiva. Mas é preciso que o governo atenda os desejos do proletariado organizado, que, neste momento trágico, com toda a moderação procedendo. Os presos, uma vez em liberdade, em vez de constituir um perigo, representarão uma garantia de ordem, formada pelo reconhecimento da justiça que lhes fizeram.

A prisão e a morte do fundador da República

Já tinha ultrapassado a meia noite quando um grupo de marinheiros batia violentamente com as coronhas à porta do fundador da república.

Um filho do sr. Machado Santos veio abrir:

—Meu pai está deitado.

Os marinheiros entraram e dirigiram-se ao quarto do sr. Machado Santos.

—Está preso, sr. almirante; disse-lhe um marinheiro.

—Então deem-me licença para me vestir. Não me demore...

Obtemperaram-lhe:

—Vista-se mesmo diante da gente.

Quando o fundador da república se preparava para pôr o colarinho disse-lhe:

—Deixe-se disso. Não vale a pena.

Isto é rápido...

O almirante acedeu e safou com elles.

A sua morte foi presenciada pelo sr. António Gomes, empresário do teatro Apolo que vinha do Arsenal, em trem.

A esquadra da rua da Palma e de S. Vicente à Guila, dois policias embargam-lhe a passagem. O sr. Gomes, não sabendo quais as suas intenções, recusa dizer para onde vai, o que ia dando causa a ser preso. Por fim, os policias resolvem deixá-lo passar e o trem segue em direcção ao Intendente.

—Paça alito!—bradaram.

O trem parou e o sr. Augusto Gomes apeon-se.

—Precisamos do seu trem!—disseram.

—Tem de levar um cadáver à Morgue.

—Onde está o cadáver?

Do automovel a que acima nos referimos e que estava parado, saltam então um grupo dos tais individuos tardados, com um palatano.

Era o sr. Machado Santos, que supplicava «que o não matassem, tinha família, que ficaria na desgraça. Para que lhes servia a sua morte?»

E logo uma desgraça prostrou por terra o fundador da República.

O sr. Machado Santos, então, ficando com a cabeça entre as pernas.

Atiraram-no para dentro do trem que seguiu para a Morgue.

O fusilamento do sr.

António Granjo

Attitude nobilitante do sr. Cunha Leal

O sr. António Granjo estava de relações cordadas com o sr. Cunha Leal. Falava-se até num possível duelo entre ambos.

Ao ser cercada a sua casa, fugiu pela escada de ferro das trazeiras, saltou os muros de varios quintais e refugiou-se em casa do sr. Cunha Leal. Este, apesar do rompimento de relações, procurou por todos os meios, salvar-lhe a vida, não recuando diante do perigo que a sua correu.

Eis como os factos se passaram:

O sr. Cunha Leal foi procurado pelo guarda marinha da Administração Naval sr. Benjamin Pereira, que lhe comunicou estar para breve a chegada de um grupo de civis e marinheiros no intuito de prender o ex-presidente do ministério, fazendo-lhe ao mesmo tempo sentir a conveniência que haveria para Cunha Leal, em fazer sair o seu hospede sob qualquer pretexto.

O ex-ministro das finanças negou-se a tal fazer e o sr. Benjamin Pereira retirou-se sem nada conseguir.

Apesar disto o sr. Cunha Leal telefonou para o «comité» pedindo providências. Não sabemos o que se passou.

O que é certo é que, pouco depois, pelas trazeiras dos prédios vizinhos e pelas escadas, subiam varios populares e marinheiros armados que, depois de procurarem até dentro de capoeiras de alguns quintais, se dirigiram a casa do sr. Cunha Leal, exigindo-lhe a entrega do seu hospede.

A frente do grupo ia o guarda-marinha sr. Benjamin Pereira que declarou ao sr. Cunha Leal, sob sua honra, responsabilidade-se pela vida do ex-presidente do ministério.

O sr. Cunha Leal não se contentou com isso. E declarou que iria para onde o sr. António Granjo fosse.

Seguiram então, ambos num automovel para o Arsenal da Marinha.

O ex-ministro das finanças exigiu então ao sr. Benjamin Pereira o cumprimento da sua palavra de honra sendo

conduzido a bordo de um navio do Arsenal onde uma sentinela, depois de o ter insultado disparou contra elle no manifesto intuito de o matar, os tiros que lhe atravessaram a garganta.

Os últimos momentos do ex-presidente do ministério foram narrados desta forma:

«No Arsenal encontravam-se exaltadíssimos varios marinheiros, guardas republicanos e civis. O sr. Crato para evitar novos acontecimentos, para senar os animos e assegurar a vida do sr. dr. António Granjo, fez um vibrante discurso recomendando prudência, exprobando o facto de terem tentado matar Cunha Leal, etc.

O sr. Carvalho Crato dirigiu-se depois a buscar o dr. sr. António Granjo, e quando já ambos desceram a escada do gabinete onde este se encontrava, produziu-se uma grande confusão e estabeleceu-se tiroteio.

Foi então que o dr. sr. António Granjo, absolutamente desorientado, saiu do lado do sr. Crato, e avançando para os revolucionários exclamou:

«E' a mim que procuram? Pois aqui me tem!»

Vinte e cinco tiros prostraram o sr. António Granjo.

Ao ter conhecimento da sua morte o sr. Cunha Leal disse:

Foi o maior desgosto da minha vida. Não posso ser monárquico mas pareço-me que já não sou republicano!

Nunca mais volto à politica.

No Porto

A impressão do movimento revolucionário no Porto

—Qual o caracter da revolução?—O que se pensava a seu respeito

—Os boatos, as apreensões e o aspecto da cidade

PORTO, 19. — A atmosfera politica, que ao principio da tarde de ontem se focava em espiritos, piorou durante a noite, redobrando os boatos, as incertezas, as vigilias. Contudo, com o avançar da madrugada, uma aragem de socorro aparente veio dispersar os mais retardatários. Apenas as patrulhas do bradas ficaram a interromper o silencio da noite com as patadas dos seus cavalos irrequietos. Mas pelo meio da manhã de hoje, a nuvem carregada de conste e dos dizes voltou a aparecer de vez mais ameaçadora. Do meio dia para uma hora surgiram os primeiros cartazes, denunciando o movimento insurreccional. Os magotes juntavam-se, as praças enchiam-se e todos se interrogavam mutuamente sobre o verdadeiro caracter da revolução. Os cartazes jornalisticos não eram bem explicitos; as noticias officiaes, conseguidas por intermédio de amigos, um tanto veladas. Uma afirmavam ser o movimento reitivamente democratico; outros quele era mais radical ainda um tanto abolicionista. Corria que Lelo Portela fora assassinado pelos avançados e sindicalistas, que, comparticipariam da insurreição, vingando-se assim das proezas que elle tinha cometido contra o operariado. E como alguém fazia acreditar que a própria C. G. T. secundaria o movimento republicano, com o compromisso de este castigar inexoravelmente os especuladores e os moageiros, alguém, na indecisão dos acontecimentos, dizia que estava bem; antes um movimento revolucionario avançado e anti-burguês do que granjista, clerical e sionista.

Os revolucionários civis da carbonária dos 13 e outros grupos, manifestam-se dando vivas a Afonso Costa, ao partido democratico, à Republica, à Revolução. Constatam-lhes que o ministro da guerra estava em Mafra; outros pretendiam que a frente de 20.000 homens.

Pelo decorrer da tarde, a cidade central vai tomando um aspecto belico. A força do quartel general triplica; o governo civil enche-se de policias competentes apetrechadas, bem como de guarda republicana; o correio geral é tomado por uma força da guarda; e as estações de Companhia e S. Bento, a requisição da direcção do Minho e Douro, principiam a ser guardadas pelas tropas da mesma guarda republicana, para evitarem uma greve dos ferroviários que hoje mesmo devia ser declarada. Esta ideia só germinada na cabeça do director dos referidos caminho de ferro.

Declaração de estado de sitio — Tudo fechado — O desrespeito ao edital do comando da divisão — Chegada de forças — Apreensões

Até que, a paralisar por momentos todas as discussões, comentários, perguntas ansiosas e informações, verdadeiras umas, disparatadas outras, surge, colado pelas esquinas, um edital assinado pelo coronel Adalberto Gastão de Sousa Dias que, por não estar presente o general da divisão, assume as funções deste por ser o official mais antigo da guarnição e para isso ter sido convidado. Fica proclamado o estado de sitio em virtude do general Pereira de Magalhães, chefe do distrito, entregar ao poder militar o governo da cidade, segundo uns, para melhor ser garantida a ordem, segundo outros, porque compreendeu que tinha uma corrente desfavoravel entre os grupos civis e população republicana por ser conservador e não ser democratico.

Como todos os editais dos governadores militares, nestas occasões, o edital a que me refiro garante os direitos estabelecidos na constituição da república, mas em compensação todas as casas de espectáculo, cafés, restaurantes e tabernas devem encerrar as suas portas às 21 horas. Ficam prohibidos os grupos e ajuntamentos, algazarras e discussões, bem como o trânsito às 23. Além disto, não são tam bem permitidos os boatos, formação de maus juizes, etc., esperando o governador militar o acatamento, por todos, destas disposições, a fim de evitar que medidas energicas e repressivas tenham de ser tomadas para garantir a ordem.

Porém, a comissão nacional de defesa da república operava, assim como outros grupos, junto dos quartéis. Destarte, diz-se que vai haver um pronunciamento militar da 1 para as 2 horas. Quero esperar por elle.

Mas como, se não é permitido andar depois das 23?

Fechem-se os estabelecimentos; a cidade adquiere um aspecto lúgubre. De quando em vez, uns vivas isolados. Res-

pira-se mal. E as 23 passam, mas um numeroso grupo permanece indiferente ao edital, conversando, discutindo. Os defensores da Republica tinham deliberado não sair da praça da Batalha e outros sifios. Despreziam o edital e, como consequência, os outros curiosos ficam tamém.

As primeiras evoluções — Receios — Desconfianças — Do que se trata, afinal? — «Nossos» ou de quem? — Uma detonação

A breve trecho, principiam a aparecer, inopinadamente, esquadras da guarda republicana, um por Santo Ildefonso e outro por Entreparedes. Evoluçaoem, galopam, e os receios fogem, enquanto outros individuos, armados uns, por serem dos grupos civis, desarmados outros, por não pertencerem a eles, ou, pertencendo, não terem armamento se conservam firmes, soltando vivas diversos. Das janelas espreitam-se na previsão de um choque. Mas não. Feitas as evoluções, a cavalaria estaciona em frente dos correios e ao pé de Entreparedes, postando-se mais tarde um outro esquadra de cavalaria junto da igreja de Santo Ildefonso. A seguir, é um esquadra de cavalaria 9, que é recebido com vivas aos quais muitos soldados correspondem. Estes são dos nossos—diziam muitos, porque havia ainda um receio, pois chegava-se a julgar que se quer tratar dum cerco à multidão que desrespeitava o edital.

Um coronel e outros officiaes, que afirmam ser democraticos, pedem para que todos se retirem, mas muitos exaltados declaram não fazer tal, pois não querem ser enganados como da outra vez. Em vão apiamos para a sua prudência.

Depois chegam colunas de infantaria de linha; a seguir, da guarda republicana do quartel da Bela Vista que, ao desembarcar de Santo Ildefonso, toda a gente nota que, na frente do grosso, vem um grupo da mesma guarda de armas apertadas e em exploração. Em face das manifestações, os soldados avançam com mais despreocupação. Chegam secções de metralhadoras, policia armada, etc., tudo tomando posições, tudo tomando os melhores pontos estrategicos. Mas, com os diabolos para que tantas forças armadas como para uma grande batalha. Para dispersar os grupos civis não era preciso tanta guarnição na rua, pois só falta a artillaria da Serra do Pilar e a marinha.

Depois, certas frases de officiaes, fazem desconfiar coisas. Vedetas e mais vedetas.

Os soldados da guarda republicana da Bela Vista estão mais atenciosos, mais animados; os da cavalaria mais sombrios. Há algum empenho? Supõe-se, entre o magote popular que sim, que há qualquer má vontade de algum, por isso os grupos estrugem vivórias à Republica, exército, guarda republicana, etc. Nisto houve-se uma detonação. Uns, que foi um pequeno petardo, outros, que foi uma espingarda que se disparara—o que parece ser mais veridico. No entanto, muita gente que está na praça da Batalha, a pleo no peito descoberto, foge para as esquinas das ruas circumvizinhas, na persuassão de que principia naquele momento a contenda. Positivamente, fiadores...

Conselhos amigos de pessoas conhecidas, de militares, de policias, dizem que o melhor é retirar-se. Muitos elementos de grupos civis retiram-se, afirmando irem armar-se. De facto, alguns fazem o que prometem. Mas, as horas vão-se passando, o dia clareia e, felizmente, não há effusão de sangue... Não vale a pena.

Os chauffeurs

Um grupo de chauffeurs amigos de Carlos Jorge Gentil, reuniu e nomeou uma comissão para tratar dos funerais deste desditoso camarada.

Esta comissão convida a classe a reunir na sua máxima força, hoje, 22, pelas 14 horas, na associação de classe (Largo de S. Domingos, 11, 2.º J), para o que já obteve a cedência das respectivas salas.

A Comissão

Contra duas condenações à morte

Na sua reunião de ontem para tratar dos presos por questões sociais, a Federação do Livro e do Jornal exteriorizou a sua repulsa pela condenação à morte, pelo tribunal de Boston, dos camaradas italianos Sacco e Vanzetti, contra a qual internacionalmente se manifesta todo o operariado organizado.

Conferencias

Na Associação dos Operários Alfaiates

Estava annunciada para ontem uma conferencia nesta sede para comemorar o anniversario da declaração da ultima greve desta classe, mas, em virtude da suspensão das garantias, fica a mesma adiada para quando se voltar a annunciada.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Em virtude do decreto que suspende as garantias constitucionaes, são avisadas as pensionistas desta Bolsa que os pagamentos se realizam hoje, sábado, das 14 às 17 horas, na sede deste organismo.

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

Federação Corticeira Nacional. — Reunião amanhã, pelas 10 horas, para assuntos de grande importancia.

S. U. da Construção Civil. — Conselho Administrativo. — Previnam-se os cobreadores, que ainda não tiveram expediente, a virem faz-lo hoje, até as 20 horas.

S. U. Mobilitaria. — Conselho Administrativo. — Para regularizar as contas desta comissão, pedem-se os seus componentes amanhã, pelas 14 horas, devendo comparecer hoje, pelas 10 horas, o camarada tesoureiro.

Pessoal da Carris. — Reunião amanhã, pelas 10 horas, a comissão administrativa desta Sindicato, pedindo-se a comparencia da comissão administrativa da Federação dos Juventes Sindicatistas.

Pessoal do Arsenal do Exército. — Na reunião ontem efectuada para tratar dos presos por questões sociais, tratou-se da situação economica do pessoal, sendo todos os delegados de parecer que uma nova tabela de reclamações fosse apresentada ao actual ministro, a fim de que fosse atenuada a situação materialmente deficitaria que atravessam estes produtores do Estado.

Para apreciar todos estes assuntos está prevista para amanhã, a resolução de convocar a assembleia magna para amanhã, domingo, às 10 horas.

Em face dos assuntos a tratar, espera-se a direcção a comparencia na sua totalidade.

SINDICATOS

DA PROVINCIA

Manitidos da Foz do Douro. — Esta classe realiza uma sessão magna no próximo sábado, 20 de corrente, pelas 19 e meia horas, para levantar o seu veemente protesto contra os industriais de padaria e moagem a propósito da questão do pão.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.

camarada José Domingos Tereza, que se encontrava preso, fez um longo discurso referendo-se a Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, que foi assassinado pelas mãos dos reaccionarios e jesuitas.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.

camarada José Domingos Tereza, que se encontrava preso, fez um longo discurso referendo-se a Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, que foi assassinado pelas mãos dos reaccionarios e jesuitas.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.

camarada José Domingos Tereza, que se encontrava preso, fez um longo discurso referendo-se a Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, que foi assassinado pelas mãos dos reaccionarios e jesuitas.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.

camarada José Domingos Tereza, que se encontrava preso, fez um longo discurso referendo-se a Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, que foi assassinado pelas mãos dos reaccionarios e jesuitas.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.

camarada José Domingos Tereza, que se encontrava preso, fez um longo discurso referendo-se a Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, que foi assassinado pelas mãos dos reaccionarios e jesuitas.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.

camarada José Domingos Tereza, que se encontrava preso, fez um longo discurso referendo-se a Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, que foi assassinado pelas mãos dos reaccionarios e jesuitas.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.

camarada José Domingos Tereza, que se encontrava preso, fez um longo discurso referendo-se a Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, que foi assassinado pelas mãos dos reaccionarios e jesuitas.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.

camarada José Domingos Tereza, que se encontrava preso, fez um longo discurso referendo-se a Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, que foi assassinado pelas mãos dos reaccionarios e jesuitas.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.

camarada José Domingos Tereza, que se encontrava preso, fez um longo discurso referendo-se a Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, que foi assassinado pelas mãos dos reaccionarios e jesuitas.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.

camarada José Domingos Tereza, que se encontrava preso, fez um longo discurso referendo-se a Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna, que foi assassinado pelas mãos dos reaccionarios e jesuitas.

No final, prós que todos os presentes se levantem e se desloquem para o local da União dos Sindicatos Operários do Porto, é convidada a classe, bem como os trabalhadores da Foz.

Refinadores do Açúcar do Porto. — Refinaria a assembleia geral para tratar de varios assuntos de interesse para a classe.



Romanço inédito por MARIO DOMINGUES

# A REVOLTA DA CARNE

SEGUNDA PARTE

Do adultério à prostituição

CAPÍTULO I

O Bernardino

As zangas insuportáveis, as brutalidades trepidas e as ameaças constantes, com que a martirizavam após a vingança triunfante da sua carne, traziam Lili completamente desmoralizada. O assistir ao estilhaçar dos seus sonhos de amor e de ventura, abalara-lhe os nervos profundamente. Espantava-a a ansiedade oportuna para abandonar aquele inferno. A casa dos pais tudo seria preferível. Estes haviam abafado o escândalo do seu desfloramento, remetendo o Jaime para a terra natal e calando no íntimo a grande desonra. O casamento com o velho Bernardino era para Lili a porta aberta por onde poderia escapar-se. Bastaria agora deixar-se conduzir pela mão dos pais que pretendiam, com uma imoralidade, emendar a atitude imoral da filha; que desejavam fornecer, por bom, um género avariado.

Bernardo da Costa que ficara doadamente apaixonado pela Lili era, meses depois, apesar da longa experiência do mundo, adquirida no balcão da rua dos Arameiros, o marido legal de Leonor.

CAPÍTULO II

O mundo do avesso

O ex-negociante consagrava a Leonor uma fidelidade de cão. Nem o *Fiel* que não abandonava a dona, lhe dedicava uma amizade tão forte, nem uma submissão tão absoluta. O casamento modificara profundamente o carácter de Lili. A independência e a liberdade relativa que gozava agora, tornaram-na caprichosa e autoritária. Abusava da paixão senil do Bernardino a quem mimoseava com o seu desprêzo de deusa adorada e obedecida. O seu temperamento voluptuoso refinara-se e, em vez de procurar ingenuamente a sociedade pelos caminhos naturais que o instinto indica, deixara que a pressão constante do preconceito desvirtuasse os seus generosos impulsos. Já não era aquela donzela sedenta de carícias, sonhando amores impossíveis. A sede de amor, de prazer que a impotência do Bernardino nunca satisfizera, escoava-se agora pela paixão absorvente do luxo, pelos divertimentos duvidosos, pela gula exagerada. Amava perdidamente os espetáculos obscenos das revistas sensacionais, os romances de Ponson du Terrail e os filmes pornográficos. Isolada do mundo, concentrava-se na vida fantástica das novelas imorais e nos entrecos

# A BATALHA

palpitantes das fitas de cinematógrafo. Começou a pintar as olheiras e os lábios e a cobrir as faces morenas de pó branco, que transformaram o seu rosto numa máscara de expressão estranha que oscilava entre o ridículo e o ingenuo. A solidão corrompeu. A vida insípida e só provocou-lhe a necessidade de uma confidente para lhe comunicar todos os anseios do seu espírito sem norte, da sua carne insatisfeita. Essa confidente encontrou-a na criada, a Joana, que entrara para a sua casa após o casamento. Principiou por consultá-la sobre o corte dos vestidos e terminou por praticar com ela aquelas cenas de safismo que condenara em D. Emilia. Pouco a pouco o sentimento do belo e do justo foi-se adiantando no seu espírito. A medida que a sua carne indomável se corrompia, menos facilmente o seu pensar distinguia o moral do imoral. O seu corpo sensual requeria prazeres que não encontrava no marido e, quasi involuntariamente, antes do seu pensamento o notar, sem que a sua razão interviesse, procurou nessa estranha manieira com a serva dominar, extinguir o fogo da sensualidade que a consumia. Joana era nova ainda. Servira desde tenra idade em casa duma titular ilustre que a corrompera totalmente. Se acções imorais da antiga patroa não a tivessem estragado, a criada seria um tipo de beleza modelar. O amor lesivo, porém, consome as mulheres como uma labareda destruidora, deforma-lhes o corpo e a alma. Joana não chegara ao seu completo desenvolvimento. Os prazeres precoces deixaram-na na adolescência, quasi lhe destruíram o sexo.

As ancas estreitas, a boca breve e voluntariosa, os braços angulosos, cobertos duma penugem loura e farta, os olhos vivos, de scintilações fagorricas, o andar firme e desenvolto, lembravam no seu conjunto um rapaziote vestido de mulher. A ama titular, uma condessa, contava ela a Lili, era uma rapariga de vinte anos, temperamento histérico e voluptuoso, que a conveniência dos pergaminhos — a selecção da espécie — ligava a um fidalgo poderasta. Avida de amor, tonta de desejos imperiosos, ou caíra na prostituição, embora doirada e envernizada pelo snobismo impertinente do meio que a rodeava, ou ficaria condenada a consumir-se, a estofar-se por falta de carícias. A condessa não quis lançar-se na voragem da prostituição porque era inestético e imoral à face do Deus; não tinha inclinação para o sacrifício, a despeito de boa católica, de autêntica cristã; não podia envolver-se pelo atalho tortuoso do adultério, porque a honra estava acima de tudo — fez de Joana o instrumento secreto do seu prazer. Lili invejava em segredo o viver requintado, fino, chli, mundano dos condos. Fantasiava-se no lugar da condessa, sempre ricamente vestida, reinando nos grandes salões iluminados e via a electricidade a espalhar mil reflexos irrequietos pelos cristais e pelas pedrarias que ostentasse nas mãos finas, nas orelhas pequeninas e no colo soberbo e nu. Joana relatava-lhe minuciosamente o que era a vida no palácio dos condos. Saira de lá — segundo afirmava — por uma questão de ciúmes. Um dia a condessa, que lhe jurava sempre fidelidade, atraíra-a para um gabinete com uma poe

lisa célebre cujo nome era sempre citado nos jornais, acompanhada de rasgados elogios ao seu talento juvenil. Fora encontrá-la em flagrante. A sua honra estava em cheque e nesse mesmo dia abandonou para todo o sempre o palácio da condessa. A Joana contava todas estas monstruosidades, com uma naturalidade sincera, como se a vida não pudesse deixar de ser assim. O seu célebre e a sua carne estavam do avesso. A sensualidade da Lili não era organicamente invertida. Havia causas que lhe repugnavam, que acendiam revoltas no seu íntimo ainda não inteiramente prevenido. Porém, as palavras chli, fino, elevado, mundano, exerciam sobre o seu organismo uma tal pressão dissolvvente, que, sempre que elas cobriam uma scena asquerosa, uma imoralidade condenável, tudo lhe parecia lógico e belo. Anseava as duas raparigas pelas ausências do Bernardino para, estradas sobre o leito conjugal, se entregarem a acções obscenas e a confidências imorais. Um dia, quando a Joana contava algumas peripécias dos seus amores com a condessa, que possuía livros secretos plenos de fotografias pornográficas e costumava guardá-los no fundo duma gaveta entre volumes do Dantas e do António Boto, a Lili interrompeu-a de súbito: — Ouve lá, o condé sabia que tu eras amante da mulher? (Continua.)

# A BATALHA no Porto

O tipo único de farinha e de pão — Os padeiros prepararam-se para que aquele novo regime de pão aborte — A atitude operária

Está tudo, na expectativa a respeito do pão tipo único. Os padeiros-proprietários mostram-se contentes com o procedimento dos seus colegas da capital, porque esperam assim as mesmas facilidades, a fim de desdormirem e deitarem por terra o novo sistema de pão. É certo que as autoridades prometem encarecer os fargantes e envenenar os do público, mas os ditos não contam com o poder das suas influências e o peso do seu dinheiro, visto que se vive num estado social que tem por apêndice a corrupção vergonhosa. No entanto, o operariado continua a manifestar-se pelo tipo único de pão e de farinha, devendo hoje, para tratar desta metáfora, reunir as classes metalúrgicas. Na sua reunião ontem efectuada, a Comissão Pró-Situação Económica Social constatou bem os lucros fabulosos que a moagem e a panificação tem tirado das suas manigancas com o fabrico do pão e freude no diagrama estabelecido. Num relatório que em breve vai apresentar em público demonstrará, com dados comprovativos, que trinta e cinco mil quilos de trigo moído dão o lucro líquido de 3.500\$000. Como vêem, uma ruína para os moageiros e uma mina para os consumidores que cometem o prodigioso milagre de tudo isso agüentarem. O delegado da Associação dos Manipuladores do diagrama 77 para Lisboa e Porto (80) para a província dá azo a especulações, defendendo e provando que o diagrama de 75 para todo o país seria de mais excelentes resultados. Aproveito o critério de que se deve insistir pela adoção do tipo único de farinha e de pão, a aludida comissão deliberou oficiar às direcções dos sindicatos profissionais solicitando-lhes o fornecimento de informes concretos sobre os motivos que originam os exorbitantes preços dos artigos produzidos pelas suas respectivas classes e detidos nas mãos dos intermediários exploradores. Adquiridos estes elementos indispensáveis, a comissão pensa iniciar um movimento tendente ao desajuste barateamento da vida. A sub-comissão vai elaborar um parecer acerca das verdadeiras causas que levam ao encarecimento desmesurado dos artigos manufacturados por cada uma das classes de per si. Enfim, parece que o norte vai surgir e entrar numa fase de luta defensiva.

As bombas Estava previsto. As enormes reservas da policia de segurança do estado sobre a explosão do petardo na Galeria de Paris resumiram-se nisto: restituição a liberdade do sapateiro Daniel. Antão, por nada se poder provar contra ele! Mas ainda não estava bem armada de este caso, e já outra bomba explodia, estilhando os vidros das janelas, derrubando uma porta e danificando a parede, numa padaria da Foz do Douro. Se nesta cidade já estivesse em uso o tipo único de pão, dir-se-ia que era o público a justificar os padeiros-donos que se preparam para burlar a nova lei-cel-re. Mas... do que se trata, enfim? Pergunta a que ninguém sabe dar resposta, mas que a P. S. E. procura satisfazer enviando para a imprensa uma nota officiosa na qual dirá ter efectuado uma importante diligência disposta a ser coroada de bom êxito, guardando contudo a máxima reserva para não prejudicar as suas investigações. Até que o estampido de outro petardo venha pôr termo às reservas...

Pelo Minho e Douro

Não andei muito longe da verdade quando afirmei que a maioria dos ferroviários do Minho e Douro, bem como a União Ferroviária, não concordava com aquela carta publicada por uns *anônimos*, investindo a Conferência Inter-Sindical Ferroviária. A União Ferroviária, interpretando o sentir da sua classe, publica a seguinte nota officiosa: — Tendo o *Journal de Noticias* publicado uma carta que lhe foi dirigida e assinada por ferroviários do Minho e Douro, cujos nomes não vieram a público, o que lamenta, a direcção da U. F. V. cumpre-lhe o dever, como representante legítima da classe ferroviária do Minho e Douro, lembrar aos auto-

# A BATALHA na provincia e arredores

Póvoa de Varzim

18 DE OUTUBRO

Francisco Ferrer

Após a proclamação da república, os primeiros passos foram substituídos por vários nomes de ruas, tendo dado a uma delas o nome do mártir da reacção clerical Francisco Ferrer. Os ecclesiásticos desta vila não levaram a bem que a rua F. Ferrer — era esse o nome que a rua tinha — fosse substituído, e, além disso, substituído pelo nome de um vilão do clericalismo. Quando se apuraram em pleno reatado os nomes a substituir, a substituição da rua F. Ferrer foi a primeira a ser feita. Os ecclesiásticos não ficaram satisfeitos com a substituição da rua F. Ferrer, e começaram a substituir os nomes das ruas das suas paróquias. A substituição da rua F. Ferrer foi a primeira a ser feita. Os ecclesiásticos não ficaram satisfeitos com a substituição da rua F. Ferrer, e começaram a substituir os nomes das ruas das suas paróquias.

Considerando que há dias foi publicada no *Journal de Noticias* uma carta cuja doutrina é tendente a estabelecer o confusãoismo no seio da classe e desvirtuar a acção moralizadora do que foi a Conferência Inter-Sindical, considerando que o critério da nota officiosa da direcção da U. F. V. fez com que a redacção do *Journal de Noticias* denunciase mais ou menos qual os autores do mencionado *arrastado*; considerando que, segundo as afirmações explicitas na dita Conferência e explandadas aqui por os seus delegados nada tem de *confusãoismo* — para se desfazer os *intuitos* reservados desses pretensos autores, a classe aqui reunida em assembleia geral extraordinária, resolve: 1.º que seja solicitada a direcção duma assembleia geral na sede das delegações, para aí também se faça a exposição dos fins a que visou a Conferência Inter-Sindical; 2.º que, para assistirem a essas assembleias sejam pelos jornais, convidadas todos aqueles que pretendem espalhar o confusãoismo; 3.º que no caso da falta de comparecimento deles, se torne público no nosso órgão, exortando a classe a cumprir o seu dever.

Esta moção foi aprovada com o seguinte aditamento de Carlos Guimarães:

«Proponho para que, segundo a doutrina expressa na moção, seja a delegação dos delegados nomeados a Conferência, incluindo o delegado indirecto da delegação do Minho».

O segundo número da ordem dos trabalhos diz respeito à questão do cobrador Bessa. Falam vários oradores, demonstrando a incorrecção desse mesmo cobrador, que até se tem negado, não só a prestar contas, mas ainda a não cobrar pelas cadernetas da C. G. T. guerreando-a.

Ficou demonstrado ser um *cavalheiro de indistria*, motivo porque foi resolvido substituí-lo e exigi-lhe, por todos os meios ao alcance, o cumprimento do seu dever.

A seguir, reconhecendo-se a pouca assiduidade do 1.º secretário da direcção, foi nomeado para ocupar, interinamente, aquele lugar, e por proposta de Angelo Nunes Vieira, o camarada João Fernandes.

Entrando-se na discussão de um officio dimanado do Sindicato Unico Metalúrgico, a propósito da crise de trabalho na sua industria, aprova-se a seguinte moção apresentada por Artur Gomes França:

«Considerando que é um cumprimento de indeclinável dever que o Sindicato Unico Metalúrgico apela para que a U. F. V. envide os seus esforços a fim da exploração do homem pelo homem não se eternizar, lançando intoleravelmente na sua industria de metalurgia, considerando que para nós, trabalhadores, basta somente estarmos integrados do que são privações, do que é a crise, para assim nos convencermos que devemos satisfazer o apêlo desses camaradas considerando, por fim, que este assunto é de palpitante interesse, a classe ferroviária reñhada, apreciando o conteúdo do mesmo officio, resolve: 1.º enviar todos os esforços no sentido de satisfazer as aspirações daqueles camaradas, procurando incluir no espírito dos que se creem igual industria nos caminhos de ferro a não desdenharem um indigno papel, trabalhando, para se a C. G. T. trabalhou, consimultaneamente, para a industria par-

# A BATALHA na provincia e arredores

Póvoa de Varzim

18 DE OUTUBRO

Francisco Ferrer

Após a proclamação da república, os primeiros passos foram substituídos por vários nomes de ruas, tendo dado a uma delas o nome do mártir da reacção clerical Francisco Ferrer. Os ecclesiásticos desta vila não levaram a bem que a rua F. Ferrer — era esse o nome que a rua tinha — fosse substituído, e, além disso, substituído pelo nome de um vilão do clericalismo. Quando se apuraram em pleno reatado os nomes a substituir, a substituição da rua F. Ferrer foi a primeira a ser feita. Os ecclesiásticos não ficaram satisfeitos com a substituição da rua F. Ferrer, e começaram a substituir os nomes das ruas das suas paróquias. A substituição da rua F. Ferrer foi a primeira a ser feita. Os ecclesiásticos não ficaram satisfeitos com a substituição da rua F. Ferrer, e começaram a substituir os nomes das ruas das suas paróquias.

Considerando que há dias foi publicada no *Journal de Noticias* uma carta cuja doutrina é tendente a estabelecer o confusãoismo no seio da classe e desvirtuar a acção moralizadora do que foi a Conferência Inter-Sindical, considerando que o critério da nota officiosa da direcção da U. F. V. fez com que a redacção do *Journal de Noticias* denunciase mais ou menos qual os autores do mencionado *arrastado*; considerando que, segundo as afirmações explicitas na dita Conferência e explandadas aqui por os seus delegados nada tem de *confusãoismo* — para se desfazer os *intuitos* reservados desses pretensos autores, a classe aqui reunida em assembleia geral extraordinária, resolve: 1.º que seja solicitada a direcção duma assembleia geral na sede das delegações, para aí também se faça a exposição dos fins a que visou a Conferência Inter-Sindical; 2.º que, para assistirem a essas assembleias sejam pelos jornais, convidadas todos aqueles que pretendem espalhar o confusãoismo; 3.º que no caso da falta de comparecimento deles, se torne público no nosso órgão, exortando a classe a cumprir o seu dever.

Esta moção foi aprovada com o seguinte aditamento de Carlos Guimarães:

«Proponho para que, segundo a doutrina expressa na moção, seja a delegação dos delegados nomeados a Conferência, incluindo o delegado indirecto da delegação do Minho».

O segundo número da ordem dos trabalhos diz respeito à questão do cobrador Bessa. Falam vários oradores, demonstrando a incorrecção desse mesmo cobrador, que até se tem negado, não só a prestar contas, mas ainda a não cobrar pelas cadernetas da C. G. T. guerreando-a.

Ficou demonstrado ser um *cavalheiro de indistria*, motivo porque foi resolvido substituí-lo e exigi-lhe, por todos os meios ao alcance, o cumprimento do seu dever.

A seguir, reconhecendo-se a pouca assiduidade do 1.º secretário da direcção, foi nomeado para ocupar, interinamente, aquele lugar, e por proposta de Angelo Nunes Vieira, o camarada João Fernandes.

Entrando-se na discussão de um officio dimanado do Sindicato Unico Metalúrgico, a propósito da crise de trabalho na sua industria, aprova-se a seguinte moção apresentada por Artur Gomes França:

«Considerando que é um cumprimento de indeclinável dever que o Sindicato Unico Metalúrgico apela para que a U. F. V. envide os seus esforços a fim da exploração do homem pelo homem não se eternizar, lançando intoleravelmente na sua industria de metalurgia, considerando que para nós, trabalhadores, basta somente estarmos integrados do que são privações, do que é a crise, para assim nos convencermos que devemos satisfazer o apêlo desses camaradas considerando, por fim, que este assunto é de palpitante interesse, a classe ferroviária reñhada, apreciando o conteúdo do mesmo officio, resolve: 1.º enviar todos os esforços no sentido de satisfazer as aspirações daqueles camaradas, procurando incluir no espírito dos que se creem igual industria nos caminhos de ferro a não desdenharem um indigno papel, trabalhando, para se a C. G. T. trabalhou, consimultaneamente, para a industria par-

# A BATALHA na provincia e arredores

Póvoa de Varzim

18 DE OUTUBRO

Francisco Ferrer

Após a proclamação da república, os primeiros passos foram substituídos por vários nomes de ruas, tendo dado a uma delas o nome do mártir da reacção clerical Francisco Ferrer. Os ecclesiásticos desta vila não levaram a bem que a rua F. Ferrer — era esse o nome que a rua tinha — fosse substituído, e, além disso, substituído pelo nome de um vilão do clericalismo. Quando se apuraram em pleno reatado os nomes a substituir, a substituição da rua F. Ferrer foi a primeira a ser feita. Os ecclesiásticos não ficaram satisfeitos com a substituição da rua F. Ferrer, e começaram a substituir os nomes das ruas das suas paróquias. A substituição da rua F. Ferrer foi a primeira a ser feita. Os ecclesiásticos não ficaram satisfeitos com a substituição da rua F. Ferrer, e começaram a substituir os nomes das ruas das suas paróquias.

Considerando que há dias foi publicada no *Journal de Noticias* uma carta cuja doutrina é tendente a estabelecer o confusãoismo no seio da classe e desvirtuar a acção moralizadora do que foi a Conferência Inter-Sindical, considerando que o critério da nota officiosa da direcção da U. F. V. fez com que a redacção do *Journal de Noticias* denunciase mais ou menos qual os autores do mencionado *arrastado*; considerando que, segundo as afirmações explicitas na dita Conferência e explandadas aqui por os seus delegados nada tem de *confusãoismo* — para se desfazer os *intuitos* reservados desses pretensos autores, a classe aqui reunida em assembleia geral extraordinária, resolve: 1.º que seja solicitada a direcção duma assembleia geral na sede das delegações, para aí também se faça a exposição dos fins a que visou a Conferência Inter-Sindical; 2.º que, para assistirem a essas assembleias sejam pelos jornais, convidadas todos aqueles que pretendem espalhar o confusãoismo; 3.º que no caso da falta de comparecimento deles, se torne público no nosso órgão, exortando a classe a cumprir o seu dever.

Esta moção foi aprovada com o seguinte aditamento de Carlos Guimarães:

«Proponho para que, segundo a doutrina expressa na moção, seja a delegação dos delegados nomeados a Conferência, incluindo o delegado indirecto da delegação do Minho».

O segundo número da ordem dos trabalhos diz respeito à questão do cobrador Bessa. Falam vários oradores, demonstrando a incorrecção desse mesmo cobrador, que até se tem negado, não só a prestar contas, mas ainda a não cobrar pelas cadernetas da C. G. T. guerreando-a.

Ficou demonstrado ser um *cavalheiro de indistria*, motivo porque foi resolvido substituí-lo e exigi-lhe, por todos os meios ao alcance, o cumprimento do seu dever.

A seguir, reconhecendo-se a pouca assiduidade do 1.º secretário da direcção, foi nomeado para ocupar, interinamente, aquele lugar, e por proposta de Angelo Nunes Vieira, o camarada João Fernandes.

Entrando-se na discussão de um officio dimanado do Sindicato Unico Metalúrgico, a propósito da crise de trabalho na sua industria, aprova-se a seguinte moção apresentada por Artur Gomes França:

«Considerando que é um cumprimento de indeclinável dever que o Sindicato Unico Metalúrgico apela para que a U. F. V. envide os seus esforços a fim da exploração do homem pelo homem não se eternizar, lançando intoleravelmente na sua industria de metalurgia, considerando que para nós, trabalhadores, basta somente estarmos integrados do que são privações, do que é a crise, para assim nos convencermos que devemos satisfazer o apêlo desses camaradas considerando, por fim, que este assunto é de palpitante interesse, a classe ferroviária reñhada, apreciando o conteúdo do mesmo officio, resolve: 1.º enviar todos os esforços no sentido de satisfazer as aspirações daqueles camaradas, procurando incluir no espírito dos que se creem igual industria nos caminhos de ferro a não desdenharem um indigno papel, trabalhando, para se a C. G. T. trabalhou, consimultaneamente, para a industria par-

# A questão do livreto

A direcção da Associação de Classe das Empregadas Domésticas de Lisboa e Casas Particulares, reñhada, apreciando os últimos acontecimentos, examinando os benefícios que d'elles resultam para esta classe, pela substituição no cargo do sr. Lelo Portela. Recorda que as prepotentes ordens contra a dignidade das Empregadas Domésticas dimanadas do governo civil, quando do consulado do sr. Portela, originou a revolta desta pacifica classe, fundando-se a Associação, o que constituia uma aspiração de alguns conscientes elementos femininos. Assim, e que nunca se conseguiu pelos esforços e propaganda dos comitentes, realizou-se a violência das autoridades, a indignação que fez vibrar a classe pela pretensa applicação do indigno e humilhante livreto, baixo processo de vingança duma criatura de sentimentos mesquinhos como o era o governador Portela. Está certa esta Direcção, e para isso vai já encetar as demarches necessárias, de que o novo governador civil será mais criterioso do que o seu antecessor e revogará imediatamente um documento que só encerra humilhação e injúria. Esta Associação, aproveitando a organização da classe e o seu entusiasmo, vai estabelecer vários serviços de instrução, aperfeiçoamento profissional, a protecção menores, serviço da Bolsa de Trabalho com subsidio no desemprego, doença e prisão por questões de classe e vários outros serviços de ordem moral e material. Espera esta associação que lhe seja dispensado todo o apoio por parte das autoridades, para a obra de moralização que se impõe.

# A BATALHA

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA  
TELEPHONE: 5339 C.  
ASSINATURAS:  
Pagamento adiantado  
LISBOA, 1 mês, 1\$40; 3 meses, 4\$00; PROVINCIA, ILHAS E ESPANHA, 3 meses, 4\$00; 6 meses, 8\$00; COLONIAS PORTUGUEZAS, 6 meses, 11\$50; 1 ano, 23\$00.  
PAÍSES ESTRANGEIROS: 6 meses, 19\$50; 1 ano, 39\$00

Lama

GRANDE VARIEDADE DE

BILHETES, FRACÇÕES

e CAUTELAS para todas as

LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais 1\$5 para registo

Fornece para revender

TELEPHONE: 1.020 — Central

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

# Agradecimento

Sebastião Lourenço vem peshoradamente agradecer aos camaradas do Bairro Social do Arco do Cego, muito em especial a tereza n.º 2, pelo modo correcto como se houveram para comigo durante a minha permanencia numa mansão da Republica. Oxalá que todos os trabalhadores compreendessem como os deste bairro, que me fizeram a minha narração a minha prisão. Sem mais, saúde e BATALHA.

# COLEGIO VASCO DA GAMA

Travessa das Freiras, (a Arrolas), n.º 2  
Telefone Norte 2145  
O collegio mais bem situado de Lisboa — Pleno ar de campo, junto ás avenidas novas — Campo de equitação, recreos e jogos — Optima alimentação — Educação esmerada  
TODOS OS ALUNOS das diversas classes do curso dos liceus e do curso commercial, propostos pelo conselho escolar do collegio e exame, no seu escolar, para a obtenção de alguns elevados distincções. Com uma excepção, TODOS OS ALUNOS do curso primario, accrescentados a classe de admissão aos liceus, FICARÃO APROVADOS, tendo prestado brilhantes provas, e obtendo um delle a classificação de aluno com direito ao premio Mideol. As autas abrem no dia 17 de Outubro, com a solemnidade da distribuição de premios, e a mesma occasião serão inauguradas as novas instalações do novo edificio construido em harmonia com as exigências da pedagogia moderna.  
Admittem-se alunos internos, semi-internos e externos  
Pedir esclarecimentos aos  
Directores (P.º) Antonio Manuel da Silva Pinto de Abreu  
Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto de Abreu

# Descanso semanal

8 horas de trabalho  
A Associação de Classe dos Empregados de Escritório, na sua reunião ontem efectuada para tratar dos presos por questões sociais, deliberou reclamar o cumprimento integral da lei do descanso semanal em todo o país e a aprovação do regulamento à lei das 8 horas de trabalho.  
— A Associação dos Caixaeiros de Lisboa resolveu telegraphar ao governo no mesmo sentido.

# Visu

Toda a gente em Visu sabe que no «Salão de Fitas» desfilaram, no passado domingo, a gente em Visu sabe que a batalha, ali, atingiu por vezes o máximo do escândalo.  
Citamos, mesmo, em todos os centros de caracó, nas ruas ou nas associações, os nomes dos «dignos» chefes de família que esquecendo o que devem a si e aos seus, não se dão ao trabalho de fazerem a sua parte, permitindo esses chefes habitarem exclusivamente a uma classe, eles são no entanto, quasi todos, «novos-ricos», a quem o acaso, num dos seus caprichos inexplicáveis, contemplou generosamente.  
Pois bem. Como toda a gente conhece estas factos, não se dá ao trabalho de expor os nomes dos chefes de família que esquecendo o que devem a si e aos seus, não se dão ao trabalho de fazerem a sua parte, permitindo esses chefes habitarem exclusivamente a uma classe, eles são no entanto, quasi todos, «novos-ricos», a quem o acaso, num dos seus caprichos inexplicáveis, contemplou generosamente.  
Pois bem. Como toda a gente conhece estas factos, não se dá ao trabalho de expor os nomes dos chefes de família que esquecendo o que devem a si e aos seus, não se dão ao trabalho de fazerem a sua parte, permitindo esses chefes habitarem exclusivamente a uma classe, eles são no entanto, quasi todos, «novos-ricos», a quem o acaso, num dos seus caprichos inexplicáveis, contemplou generosamente.

# Uma comedia infame

Toda a gente em Visu sabe que no «Salão de Fitas» desfilaram, no passado domingo, a gente em Visu sabe que a batalha, ali, atingiu por vezes o máximo do escândalo.  
Citamos, mesmo, em todos os centros de caracó, nas ruas ou nas associações, os nomes dos «dignos» chefes de família que esquecendo o que devem a si e aos seus, não se dão ao trabalho de fazerem a sua parte, permitindo esses chefes habitarem exclusivamente a uma classe, eles são no entanto, quasi todos, «novos-ricos», a quem o acaso, num dos seus caprichos inexplicáveis, contemplou generosamente.  
Pois bem. Como toda a gente conhece estas factos, não se dá ao trabalho de expor os nomes dos chefes de família que esquecendo o que devem a si e aos seus, não se dão ao trabalho de fazerem a sua parte, permitindo esses chefes habitarem exclusivamente a uma classe, eles são no entanto, quasi todos, «novos-ricos», a quem o acaso, num dos seus caprichos inexplicáveis, contemplou generosamente.

# Monte-pio Egíptiense

O Monte-pio Egíptiense, em assembleia geral, de 10 do corrente, resolveu, a título de experiência, por três meses, que os sócios tenham direito a todos os remédios, quando doentes, quer nacionais ou estrangeiros. Esta medida agradou muito, havendo só 5 votos contra.

# Fuga de presos

Figuram quasi todos os presos da cadeia, fazendo uma escavação ali um caso de escândalo.  
Mas afinal, se soubermos principiar o gesto, não o subterfugio, pois que alguns se deixaram já a noite, e outros, como Victor Hugo, que diz: «Fechai as portas e abri as escolas, achamos bem o sucedido. Ainda mais gente por fora, com mais fôrça de estar presa do que está desgraciada. De resto as condições higienicas da cadeia são tais que até para bichos do mar não seria reprovada, e os presos se sentem a vontade para adquirir liberdade. O próprio presidente da Câmara notou isso, ao ver aquela policia, e disse: «Isso não é casa própria para homens, nem para os maiores bandidos».  
Não se adormecer, porém, desta declaração exposta, sr. presidente, Eies, os burgueses, no geral, conhecem a justiça. O que anhem é praticá-la — C.

# Revolution

Via, Pombal, a caravela...  
Dois grilos, justos, metram...  
Nunca saio, apertados...  
Quando uns dias decorreram...  
Já não foram encontrados...  
Um ao outro se comeram.

# Revolution

«Rir bem quem rir no fim...  
Diz um proverbio francez...  
«Fechai a porta (reza assim...  
Um conceito portuguez...  
Quem vier atraz de mim».

# Revolution

Póvo a nora, o alcastru...  
— Objecto dos mais fracos...  
Baixo acima água conduz...  
Té que um dia faz-se em cacos;...  
De repente — catrapuz!

# Revolution

Governo de salvação...  
Ja o temos, ai está...  
Saldo da revolução...  
«Ser ou não ser!» Salva-se?...  
E está a minha questão.

# Revolution

Dois grilos, justos, metram...  
Nunca saio, apertados...  
Quando uns dias decorreram...  
Já não foram encontrados...  
Um ao outro se comeram.

# Revolution

«Rir bem quem rir no fim...  
Diz um proverbio francez...  
«Fechai a porta (reza assim...  
Um conceito portuguez...  
Quem vier atraz de mim».

# Revolution

Póvo a nora, o alcastru...  
— Objecto dos mais fracos...  
Baixo acima água conduz...  
Té que um dia faz-se em cacos;...  
De repente — catrapuz!

# Revolution

Governo de salvação...  
Ja o temos, ai está...  
Saldo da revolução...  
«Ser ou não ser!» Salva-se?...  
E está a minha questão.

# Revolution

Dois grilos, justos, metram...  
Nunca saio, apertados...  
Quando uns dias decorreram...  
Já não foram encontrados...  
Um ao outro se comeram.

# Revolution

«Rir bem quem rir no fim...  
Diz um proverbio francez...  
«Fechai a porta (reza assim...  
Um conceito portuguez...  
Quem vier atraz de mim».

# Revolution

Póvo a nora, o alcastru...  
— Objecto dos mais fracos...  
Baixo acima água conduz...  
Té que um dia faz-se em cacos;...  
De repente — catrapuz!

# Revolution

Governo de salvação...  
Ja o temos, ai está...  
Saldo da revolução...  
«Ser ou não ser!» Salva-se?...  
E está a minha questão.

# Revolution

Dois grilos, justos, metram...  
Nunca saio, apertados...  
Quando uns dias decorreram...  
Já não foram encontrados...  
Um ao outro se comeram.

# Revolution

«Rir bem quem rir no fim...  
Diz um proverbio francez...  
«Fechai a porta (reza assim...  
Um conceito portuguez...  
Quem vier atraz de mim».

# Revolution

Póvo a nora, o alcastru...  
— Objecto dos mais fracos...  
Baixo acima água conduz...  
Té que um dia faz-se em cacos;...  
De repente — catrapuz!

# Revolution

Governo de salvação...  
Ja o temos, ai está...  
Saldo da revolução...



# Belsaúde VITERI

## Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes

### Cura rapidamente

Catarros, defluxos, laringites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

- 1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inaladores;
- 2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por isso as pessoas que tem de suportar óculos duvidosos porque as defende de contágios perigosos;
- 3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas astmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpando o pigarro abrem-lhes o apetite e permitem-lhes sonos reparadores seguidos;
- 4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalora a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público;

### O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

- 5.º Atenua a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivem, evitando-lhes o cancro e o catarro gástrico;
- 6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;
- 7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam casas doentes, porque o fumo sancia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, perscrutando as doenças contagiosas, tais como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

### PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos  
Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

**Vicente Ribeiro & C.ª Suc.**  
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

## FERRAGENS E FERRAMENTAS

**Valério, Lopes & C.ª L.**  
Telefones (central) 2778 e 3478  
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os ofícios  
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, chumbo e arames diversos.  
Carros, vagonetes e todas as pertences de material.  
"Decauville".

22, largo de S. Julião, 28  
Rua Nova do Almada, 1, 3 e 7  
**LISBOA**

## GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1921  
Seguros de incêndio de searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de Companhias estrangeiras COBRA SÓ METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e palhas.  
ALEM DISSO, A MUNDIAL NADA COBRA a título de ENCARGOS ou contribuições pois que estas são por ela integralmente pagas.



**A MUNDIAL**  
COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7  
SEDE EM LISBOA — DELEGACÃO NO PORTO  
Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 — R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

## Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros  
Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros  
**GRANDE NOVIDADE**

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL  
ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

### ESTABELECIMENTOS

- 1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 33
- 2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
- 3.º Sucursal: — Rua do Arco, Marques de Alegrete, 56, 58

### Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

## BARATISSIMO Calçado

de todas as qualidades

Botas de bom calf preto . . . . . 24\$00

Botas de bom calf de cor . . . . . 28\$00

Este calçado é sólido e elegante de forma a servir os mais exigentes

**Pavilhão Americano**  
Antônio Martins Leão  
R. Marques de Alegrete, 77

Preços especiais para as cooperativas a quem concedemos vantagens. Todas as Cooperativas para seu interesse devem consultar-nos antes de darem os seus pedidos. Fornecimentos para a província.

## grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária  
Sapatos em calf preto para senhora . . . . . 11\$00  
Sapatos em verniz todos os modelos . . . . . 20\$00  
Botas calf-preto grandes e saldo . . . . . 21\$00  
Botas calf-preto com duas solas . . . . . 22\$50  
Grande saldo de botas pretas para homens . . . . . 17\$00  
Grande saldo de botas brancas . . . . . 16\$15  
Um colossal sortimento em calçado para crianças  
Grande saldo de botas de cor para homem a . . . . . 23\$00  
Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom  
18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

## Alegorias sociais

Publicadas pelo nosso colega A Comuna, do Porto, nos seus números do 1.º de Maio de 1920 e 1921 em separata e em bom papel couchet, encontram-se à venda na administração de A Batalha, ao preço de \$25 e \$30.  
São umas belas alegorias para emularem e figurarem nas salas das associações operárias. Para a província o estrangeiro acresce o porte do correio.

## COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Divisão de Via e Obras

TAREFA N.º 177

Fornecimento de 180.000 travessas de pinho nacional em 3 lotes de 60.000 cada lote, composto de 50.000 travessas normais e 10.000 rectangulares com as dimensões de 2,60x0,13

Depósito provisório por cada lote 600\$00

No dia 24 do corrente, pelas quinze horas, na estação Central de Lisboa (Rossio) perante a Comissão Executiva da Companhia, serão abertas as propostas para fornecimento de 5 (três) lotes de 60.000 travessas de pinho nacional, composto cada um de 50.000 travessas normais e 10.000 rectangulares com as dimensões de 2,60x0,13, pelo preço de . . . . . cada travessa (preço por extensão) na conformidade das condições patentes na Repartição Central de Via e Obras e das quais tomei pleno conhecimento (Data e assinatura por extensão e em letra bem inteligível).  
O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 14 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador, o relógio da estação do Rossio.  
N. B. — Esta Companhia não concede passes aos fornecedores.

### A PROPOSITO DO

DEBATE DE OPINIÕES

A Ditadura do

Proletariado

de CARLOS RATES

Preço 40 centavos

Pedidos à administração de A BATALHA



Calçado bom, bem feito e barato

**Sapataria S. Roque**

Esta casa apesar das constantes subidas mantém os seguintes preços:  
Botas de verniz . . . . . 26\$00  
Botas de verniz, cano de camurça . . . . . 25\$50  
Botas de calf, cor, forma moderna . . . . . 26\$50  
Botas em calf, preto, 2 solas . . . . . 22\$00

### GRANDES PECHINHAS

Botas em calf, cor, de 1.ª que noutras casas se vendem a 50\$00 28\$50  
Botas de vitela branca . . . . . 13\$75  
Sapatos para senhora em calf verniz e veludo desde . . . . . 11\$00

Calçado de luxo em todos os géneros por preços convidativos  
Vendas por atacado e a retalho

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

**Queiroz L.**

L. Trindade Coelho, 17  
(antigo L. de S. Roque)

## A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 — PORTO

## A BATALHA

Encontra-se à venda em todo o país, nas tabacarias, quiosques e outros locais de venda de todas as publicações.

Nas ruas e nos comboios peçam-na aos vendedores de jornais.

A. MACHADO

Canções Sociais

O 1.º de Maio e o Sindicalismo

Cada \$05

Pedidos acompanhados da respectiva importância à administração de A Batalha.

JOSÉ OITICICA

PRINCÍPIOS E FINS DO PROGRAMA

COMUNISTA-ANARQUISTA

Preço \$10 — Pelo correio \$13

Pedidos acompanhados da respectiva importância à administração de A Batalha.

Quereis o vosso relógio

concentrado com garantia e por preço módico?

Levae-o ao

33 de S.º André

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33

(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO

E OUIRES

DE

ALVES D'ANDRADE, L.ª

SECCÃO EDITORIAL DA BATALHA

Acaba de aparecer

A Propriedade

Privada

— POR —

José Carlos de Sousa

Preço \$20

A' venda nas livrarias e na administração da Batalha

## LEIAM, LEIAM!!!

### SÓ NO GRANDE ARMAZEM DE CALÇADO

21, Largo Rodrigues de Freitas, 21-A (Antigo Arco de Santo André)

Encontrarão um grande sortimento de calçado para homem, senhora e criança, por preços baratíssimos

### FABRICO MANUAL

VEJAM OS PREÇOS:  
Botas calf preto 1 sola desde 18\$50  
" " " 2 " " 23\$00  
" " " " " 24\$00  
" da Moda calf preto . . . . . 30\$00  
" " " " " " " " " 30\$00  
no de cor . . . . . 30\$00

### PECHINHAS

Botas vitela branca desde 13\$50  
Calçado para senhora:  
Sapatos pelica desde . . . . . 11\$00  
" vitela . . . . . 14\$00  
" da Moda pelica verniz desde . . . . . 20\$00  
Calçado a'abato

Preços sem competência

## Nicolau Gomes Correia



Rua dos Fanqueiros, 255

Leiam à tarde

A IMPRENSA LIVRE

Avulso 5 centavos

## LOUÇAS ESMALTADAS

Nesta casa encontra-se um grande sortimento de louças esmaltadas para cozinha e artigos para toilette. Louças de alumínio, talheres, candieiros, esquentadores, tinas para banho, bides, lavatórios, baldes e regadores. Não contem em primeiro visitarem o GRANDE DEPOSITO DE LOUÇAS ESMALTADAS, de J. S. Moutela, da rua da Palma n.º 284-A, em frente das encomendas postais. Concede-se um bonus de 5% em todas as suas compras a quem apresentar este anúncio.

## Angariador de anúncios

PRECISA-SE

Para tratar na administração deste jornal.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Venda em leilão de uma porção de sal em Santa Vitória-Ervilide

Faz-se público de que, no dia 28 do corrente pelas 12.30 horas e na estação de Santa Vitória-Ervilide, proceder-se-á à venda em hasta pública, de harmonia com os regulamentos, de um vagão de sal a granel, remessa n.º 45.648 de Faro a S. V. Ervilide.  
A arrematação será feita a quem maior lance oferecer, sobre a base de licitação de 200\$00.  
Lisboa, 21 de Setembro de 1921.  
O chefe do serviço do tráfego, J. V. da Boga Lima.



Não me ralo!

Vou ali à Chapelaria Luzitana, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e dumha solidez capaz de resistir a todos os vasos.

**CHAPELARIA LUZITANA**

Rua Arco Marques de Alegrete, 51-54 LISBOA

## Obras de literatura, sciência e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima.—Educação e ensino. . . . .	1800	Jaime Cortesão.—Adão e Eva (tes. tro). . . . .	2800
Alfred Binet.—A alma e o corpo. . . . .	2400	Jean Cruet.—A vida do direito. . . . .	2800
Alfredo Neves Dias.—Razão (josephismo social). . . . .	800	Laisant.—Iniciação matemática. . . . .	2800
Bonazzi.—Arto de ensinar. . . . .	1800	Le con.—Evolução geral da vida. . . . .	800
Benussi.—Crítico e vida. . . . .	2800	Manuel Ribeiro: . . . . .	
Brussel.—A vida social. . . . .	2800	A Catedral. . . . .	2800
Clemente Jaquet.—História Universal (2 vols.). . . . .	4400	Imperiosa verdade. . . . .	1800
Colson: . . . . .		O sentido de viver (versos). . . . .	1800
Organismo económico e desordem social. . . . .	2800	Mirbeau: . . . . .	
Danteo: . . . . .		O Jardim dos Suplicios. . . . .	1800
A sciência e a vida. . . . .	2800	Memórias duma criada de quarto. . . . .	5400
Mechânica da vida. . . . .	1800	Neno Vasco.—O Pecado de Simão. . . . .	1800
Dastre.—A vida e a morte. . . . .	2800	Tolstoi.—Sonata de Kreutzer. . . . .	1800
Ernesto da Silva.—Teatro livre e Arte social. . . . .	800	Vitor Hugo: . . . . .	
Faguet: . . . . .		França e Bélgica (2 vols.). . . . .	5400
Iniciação literária. . . . .	5400	Hin d'Alinda (2 vols.). . . . .	5400
Arte de ler. . . . .	1800	Noventa e três (2 vols.). . . . .	5400
Horror das responsabilidades. . . . .	1800	O homem que ri (5 vols.). . . . .	4800
Fiamaron: . . . . .		O Reno (5 vols.). . . . .	4800
Iniciação astronómica. . . . .	2800	O último dia de um condenado. . . . .	1800
Astronomia. . . . .	2800	Zola: . . . . .	
A vida nos astros. . . . .	800	Alegria de viver (2 vols.). . . . .	5400
Curiosidades astronómicas. . . . .	800	A conquista de Pádua (2 vols.). . . . .	5400
Gorki: . . . . .		A fortuna dos Rougons (2 vols.). . . . .	5400
Os degenerados. . . . .	1800	O sr. ministro. . . . .	2800
Os vagabundos. . . . .	1800	Paraiso das Damas (2 vols.). . . . .	4800
Scenas de família (teatro). . . . .	1800	Tereza Raquin. . . . .	1800
Ibsen.—Os espectros (teatro). . . . .	1800	Reinach.—História das religiões. . . . .	4800
		Strauss.—A velha e a nova fé. . . . .	1800
		Toulousse.—Como se deve educar o espirito. . . . .	2800

## DOENÇAS SECRETAS

Preço 1\$50—Pelo correio, registado, 1\$70  
Pedidos acompanhados da respectiva importância à administração de A Batalha.

## SAIDAL

Especifico ideal e infalível que permite a todos regular o número de filhos na razão de bem os poder criar e educar para uma sociedade forte e feliz.  
FARMACIA OABRAL, Suos.—PAM-PULHA.—Lisboa—Pelo correio \$500.

## COMPANHIA

dos Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO AO PUBLICO

Despacho Central em Colares

(Colares-Central)

A partir de 10 de Outubro de 1921 é reaberto ao serviço publico o despacho de Colares-Central, nas condições previstas no n.º 11 do Aviso ao Publico A n.º 18 de Março de 1920.  
Desde a mesma data entra em vigor a nova Tarifa de Camionagem de Colares-Central que anula e substitui a antiga Tarifa de Camionagem de 27 de Março de 1920.  
A nova tarifa pode ser consultada ou obtida por compra nas estações desta Companhia.  
Lisboa, 30 de Setembro de 1921.—O Director Geral da Companhia Ferreira de Mesquita.

SEBASTIÃO FAURE

Como se deve educar

Preço 1\$00—Pelo correio 1\$05

Pedidos acompanhados da respectiva importância à administração de A Batalha.

## Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo de Pinho.—Quem não trabalha não come. . . . .	2400	2400	Lagarde: . . . . .		
Adolfo Lima.—O contrato do trabalho. . . . .	\$20	\$25	Sindicalismo e Socialismo. . . . .	\$50	\$55
Afonso Schmidt.—O trabalho dos Livres. . . . .	\$60	\$70	Landauer: . . . . .		
Basilio Teles.—O estatuto dos povos. . . . .	\$12	\$15	A Social Democracia na Alemanha. . . . .	\$05	\$08
Briand.—A greve geral. . . . .	\$60	\$70	León.—O Socialismo. . . . .	1800	1815
Campes Lima.—O movimento operário em Portugal. . . . .	\$40	\$45	M. Piore.—Sindicalismo e Revolução. . . . .	\$50	\$55
Carlos Ratas.—A ditadura do Proletariado. . . . .	1800	1800	Malatesta: . . . . .		
Carnelero de Moura.—A mulher e a civilização. . . . .	\$50	\$55	A politica parlamentar no movimento socialista. . . . .	\$05	\$08
Cesar dos Santos.—A questão operária e o sindicalismo. . . . .	1800	1810	O programa socialista-anarquista revolucionário. . . . .	\$05	\$08
Charles Albert.—O amor livre. . . . .	\$10	\$15	Entre camponeses. . . . .	\$20	\$25
Chautau.—Contra o confusãoismo. . . . .	\$10	\$15	No café. . . . .	\$20	\$25
Delais.—Os financeiros, os politicos e a guerra. . . . .	\$02	\$05	Manuel Ribeiro.—Na linha de . . . . .	\$60	\$70
Domagala.—Patria e Humanidade. . . . .	2400	2400	Marx.—O Capital. . . . .	1800	1815
Dufour.—O sindicalismo e a próxima revolução (2 vols.). . . . .	\$05	\$08	Naguet.—A caminho da união livre. . . . .	1800	1815
Emilio Costa.—Acção directa e acção legal. . . . .	\$10	\$15	Nietzsche: . . . . .		
Etlevant.—A minha defesa. . . . .	2400	2450	Anti-Cristo. . . . .	1800	1815
Fabra Ribas.—Socialismo e conflito europeu. . . . .	\$60	\$65	Genealogia da moral. . . . .	1800	1815
Griffuelles.—A acção sindicalista. . . . .	\$50	\$55	Novikov.—A emancipação da mulher. . . . .	1800	1815
Guilherme de Oliveira.—As leis sociológicas. . . . .	1800	1815	Pataut e Pouget.—Como fere os remos a revolução. . . . .	1800	1815
Guyau.—Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção. . . . .	1800	1815	Perfeto de Carvalho.—Notas e comentários. . . . .	\$50	\$55
Hamon: . . . . .			Pouget: . . . . .		
A conferência da Paz e a sua obra. . . . .	1800	1815	A Confederação Geral do Trabalho. . . . .	\$50	
As lições da guerra mundial. . . . .	2400	2425	Prati: . . . . .		
O movimento operário na Grã-Bretanha. . . . .	1800	1815	Necessidade da associação. . . . .	\$08	\$10
Psicologia do militar profissional. . . . .	1800	1815	Ricardo Mella: . . . . .		
Psicologia do socialista-anarquista. . . . .	1820	1835	O principio do fim. . . . .	\$05	\$08
A Crise do Socialismo. . . . .	\$40	\$45	Rossi.—A sugestão e as multidões. . . . .	\$90	\$95
Henriete Roland.—A Rússia nova. . . . .	\$12	\$15	Russumano.—A escravidão social da mulher. . . . .	\$90	\$95
Jean Grave: . . . . .			Santos.—A transformação da sociedade pelo sindicalismo. . . . .	\$15	\$18
A Anarquia-Fins e meios. . . . .	\$60	\$65	Tolstoi: . . . . .		
A Sociedade Futura. . . . .	1820	1845	O canto do cisne. . . . .	1800	1815
O individuo e a Sociedade. . . . .	1830	1855	Últimas palavras. . . . .	2400	2415
José Carlos de Sousa.—A propriedade privada. . . . .	\$20	\$25	Os ciões. . . . .	\$50	\$55
José T. Lorenzo.—Maximalismo e Anarquismo. . . . .	\$20	\$25	Trostky.—Constituição politica da republica dos Soviêtes. . . . .	\$12	\$15
José Guesde.—Os socialistas. . . . .	\$12	\$15	Krapotkine: . . . . .		
Um de nós: . . . . .			A Anarquia, sua filosofia e sua ideal. . . . .	\$60	\$65
A canchala. . . . .			A Grande Revolução (2 vols.). . . . .	2400	2450
Vandervelde.—O colectivismo e a evolução industrial. . . . .	1820	1840	A moral anarquista. . . . .	\$12	\$15